

ELEUTÉRIO F.S. PRADO

CAPITALISMO E PULSÃO DE MORTE

Recebido em 15/03/2024

Aprovado em 18/03/2024

CAPITALISMO E PULSÃO DE MORTE

Resumo

Este escrito, que tem um caráter experimental, busca compreender como os avatares da sociabilidade do capital – da relação de capital – se instalam na subjetividade dos indivíduos sociais, fazendo com que eles se tornem, grosso modo, *homo oeconomicus*, mas também “negação determinada” possível dessa condição existencial.

Palavras-chave: capitalismo; sociabilidade do capital; pulsão de morte

ELEUTÉRIO F. S. PRADO

Professor aposentado do
Departamento de Economia da
FEA/USP.

Site: <https://eleuterioprado.blog>

Email: eleuter@usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2403-5462>

Abstract

This paper, which has an experimental character, seeks to understand how the avatars of the sociability of capital – of the capital relationship – are installed in the subjectivity of social individuals, causing them to become, roughly speaking, *homo oeconomicus*, but also a “determined negation” possible of this existential condition.

Keywords: capitalism; capital’s sociability; death pulse

Introdução

Como se sabe, “Capitalismo e impulso de morte” é o título de um artigo de Byung-Chul Han, mas também do livro que o contém (HAN, 2021). O livro, ademais, contém outros artigos que tratam ou circulam em torno dessa temática. O texto principal de Han consiste em uma crítica de um livro de Gilles Dostaler e Bernard Maris (2009) que tem o mesmo nome. Se ele é, simplesmente, aqui copiado vem a ser porque se deseja entender a argumentação desse filósofo coreano de um modo sistemático – ou seja, não apenas de um modo expressivo, quase poético.

O seu artigo, assim como este, trata do capitalismo e do indivíduo social que nele prevalece para entender como podem entrar em conjunção, ainda que não sem tensões prováveis. Observa que o mundo social e o mundo da psique sob o modo de produção capitalista subsistem por meio da produção de excedentes, de mais-valor no primeiro e de mais-vida – ou mesmo de transcendência imaginária e ilusória – no segundo.

E esses dois excedentes buscados pela classe dominante não se realizam, entretanto, sem violência sobre a classe dominada. Fereza esta que consiste basicamente na imposição do trabalho alienado por meio de instituições, principalmente por meio da propriedade privada dos meios de produção. Marx, como se sabe, tendo por referência o capitalismo, denominou a classe dominante de burguesia e a classe dominada de proletariado.

Capitalismo e os seus “sujeitos”

Para realizar esse objetivo, é preciso partir do conceito de capitalismo tal como foi apresentado por Karl Marx. Como bem se sabe, esse termo designa um modo de produção histórico, que veio existir na época dita moderna e que se caracteriza por se constituir como um sistema de interação entre indivíduos contratantes que funciona sob certa automaticidade – não sem passar por crises endógenas periódicas. Chama-se capitalismo precisamente porque se trata de um sistema voltado para a acumulação de capital. Eis

que se trata de um sistema complexo que está nucleado na relação de capital, isto é, na relação social entre o capital e o trabalho assalariado.

Ora, como mostrou Marx, a acumulação de capital consiste num processo social que tem uma lógica objetiva de desenvolvimento: o crescimento infinito. “O valor de uso” – segundo ele – “nunca deve ser tratado, portanto, como uma meta imediata do capitalismo; tampouco o lucro isolado, mas o incessante movimento de ganho”. Em resumo, esse modo de produção se caracteriza por conter um sujeito automático que domina a vida social como um todo; e essa dominação é compulsiva, já que “o movimento do capital é insaciável” (MARX, 1983, p. 129).

Por isso mesmo, no sistema da relação de capital, as pessoas se põem – estão postas – como “sujeitos”. Enquanto atributos do capital, tais “sujeitos” se põem – estão postos – como indivíduos movidos pela pulsão de acumulação e, como tais, estão empregados como suportes dessa relação social. A lógica da acumulação requer, assim, indivíduos compulsivos cuja meta subjetiva coincide com a meta sistêmica objetiva; esses indivíduos não são simplesmente pessoas, pois estão movidos por um “impulso absoluto de enriquecimento”, por uma “caça apaixonada do valor” (MARX, 1983, p. 130).

Se isso vale especialmente para os capitalistas, que revés – não opcional – está disponível para os trabalhadores? Eis que estes últimos, quando se faz abstração de eventuais conquistas materiais que possam ter obtido, são proletários. Contudo, é preciso deixar aqui uma pergunta: como se dispõe historicamente a subjetividade dos trabalhadores subsumidos ao capital?

A herança freudiana

Em *O mal-estar da civilização* (2011a), Freud procura mostrar sinteticamente, após décadas de pesquisas no campo da psicanálise, quais foram os principais resultados colhidos. Eis que concluíra que “os fenômenos da vida se esclareceriam pela atuação conjunta ou antagônica de duas [pulsões]”: a pulsão de vida (ou erótica) e a pulsão de morte (ou de agressão).

A primeira é responsável por “conservar a substância vivente e juntá-la em unidades cada vez maiores”; a segunda atua para “dissolver essas unidades e conduzi-las ao estado primordial inorgânico” (2011a, p. 64) – ainda que essa não seja a sua meta, mas apenas uma sua consequência.

Note-se que Freud interpretou esse “primordial” morador da psique como estado de nirvana. Eis que ele impõe uma “tendência regressiva ou conservadora em toda vida instintiva”, ou seja, um “esforço para reduzir, manter constante ou eliminar a tensão interna”. Daí a existência de uma tendência inerente à existência orgânica “para voltar ao estado anterior (...) que a coisa viva abandonara, sob pressão de forças externas” (1996, p. 43).

Contudo, essa tendência tem de ser contraditada para que a vida possa prosperar. No curso da existência, o princípio do prazer estabelece um compromisso com a manutenção da vida: a busca da felicidade, segundo Freud, consiste em “ausência de dor e desprazer e, além disso, a vivência de fortes prazeres” (2011a, p. 19). Assim, para evitar o sofrimento, o ser humano tem já de lutar contra a morte. Ora, essa evitação se instala em sua psique como fonte perene de angústia.

Se há uma ontologia biológica nas formulações originais de Freud, ela está aí superada, pois a psique também resulta da civilização. Eis que aquilo que move o psiquismo vem a ser, ao mesmo tempo, biológico e forjado socialmente. E o seu devir é contraditório: se a vida é um caminho implacável para a morte, ela também implica uma recusa constante desse destino, por meio de lutas para subsistir individualmente e para construir e/ou destruir os laços sociais.

As pulsões, portanto, contrariam constantemente a tendência regressiva originária, atuam sob o império do princípio do prazer, recriando, assim, a vida ativa: por um lado, Eros se põe como aquela força que preserva a vida comunitária; por outro, Tanatos atua em sentido contrário para destruí-la enquanto vida boa. E ele se volta para a dominação da própria psique, da natureza circundante e dos outros humanos, sejam eles semelhantes ou que pareçam diferentes em certos aspectos.

Se o estado de nirvana é um estado em que há “extinção do sofrimento”, o processo existencial consiste, então, numa luta constante pela supressão do sofrimento fatal, ou seja, pela interrupção da contradição vida/morte em que consiste a própria vida, mesmo se, para que tal desejo inconsciente prospere, ele precise ser sustentado praticamente. Na perspectiva do que foi avançado na introdução, o impulso para acumular mais-vida em detrimento da vida de outros pode ser explicado, portando, como consequência da pulsão de agressão (dita também de morte) num mundo caracterizado pela carência (MARCUSE, 2024).

Há, pois, duas pulsões básicas: uma delas agrega amorosamente e a outra desagrega agressivamente. De qualquer modo, segundo Freud, ambas se encontram constrangidas pelo princípio de realidade. Provindas do corpo e da mente, elas se expressam como desejos inconscientes, afloram no consciente, tendo por meta a própria satisfação. No entanto, enfrentam barreiras, as quais se encontram no mundo exterior, no próprio corpo do ser humano e nas instituições sociais.

Em face dos obstáculos, na sociedade repressiva moderna, o princípio de realidade assume o caráter de princípio de desempenho, tal como considerou Marcuse em seu *Eros e Civilização* (1966). Ora, esse princípio se insere no senso comum ou no bom senso e consiste, como diz o próprio Freud, “em moderar as pretensões de felicidade” (2011a, p. 20)¹. Nesse sentido, o princípio de desempenho se apresenta também como princípio do progresso. Sob esse imperativo, a energia instintiva – a pulsão de morte – é conduzida para o trabalho desagradável, “para o trabalho que aprendeu a renunciar, a recusar os desejos pulsionais, e que só assim pode ser e permanecer socialmente produtivo” (MARCUSE, 2024).

¹ Eis o que diz Samo Tomšič sobre isso: “Com a pulsão de morte, Freud de fato leva à culminância sua concepção de prazer, que é inteiramente estranha à identificação aristotélica do prazer com o bom. Do ponto de vista da pulsão de morte, o prazer aparece disfarçado de prazer compulsivo em prol do prazer ou do gozo excedente. Aqui a conclusão só pode ser que o prazer é algo mau” (2019, p. 204). Ser? Ou se trata de uma distorção laciana?

A busca da satisfação, sob o princípio de desempenho, encontra vários caminhos alternativos para enfrentar as aludidas barreiras: quietude, mania, neurose, sublimação, fantasia, mas um deles se destaca, qual seja ele, o esforço para superar a carência por meio do trabalho e da dominação técnica e tecnológica do mundo. E essa dominação recai sobre a natureza, mas também sobre os próprios seres humanos. De qualquer modo, para Freud, o princípio de realidade impõe ao ser humano que ele subsista por meio de uma economia: os meios são escassos e os fins são alternativos e ele tem de arranjá-los de algum modo dentro de suas possibilidades.

O modo de organização da sociedade, para Freud, consiste em estruturas normativas que buscam implantar uma ordem (expressão do princípio de repetição) para um conjunto de viventes, procurando, assim, efetivar de algum modo o princípio de realidade. Pensando a partir do indivíduo social, conclui, então, que a insatisfação vem a ser uma condição humana insuperável: “o princípio do prazer é irrealizável”, contudo, estamos impedidos de “abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização” (2011a, p. 28). Freud em *Além do princípio do prazer* pensa de modo hobbesiano: “não é fácil, para os homens, renunciar à gratificação de seu pendor à agressividade (...) será sempre possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (2010, p. 60).

Fundamento existencial do capitalismo

Diante desse quadro, no artigo já mencionado, Han se propõe a investigar melhor o fundamento existencial do capitalismo, baseando-se nas descobertas da psicanálise. Qual vem a ser a base psíquica do entesourador na sociedade pré-capitalista e do capitalista na sociedade dita moderna? O próprio Marx sustenta, sem aprofundar, que essa forma de “servidão voluntária” se sustenta e se mantém por meio do “instinto natural” dos seres humanos.

Ora, o ser humano quer viver e, como todo animal, procura escapar da morte, pois ela se apresenta sempre como possível. Diferente deles em geral, porque é um ser pensante dotado da capacidade de linguagem e, por isso, de memória e de prognóstico, ele teme a morte durante todo tempo de vida e de modo intenso. Porque é capaz de prefigurá-la como possibilidade e até mesmo como inevitabilidade, ele quer constantemente suprimi-la tanto na vida prática quanto na imaginação.

Nesse quadro trivial, Aristóteles, em *A política*, havia explicado o desejo de acumulação de dinheiro, algo possível para alguns cidadãos da *pólis*, como uma expressão do desejo de viver: “A causa desse estado de espírito é o fato de a intenção dessas pessoas ser apenas viver, e não viver bem; como o desejo de viver é ilimitado, elas querem que os meios de o satisfazer também sejam ilimitados” (ARISTÓTELES, 2021, p. 39). Nessa perspectiva, viver consiste na negação da morte, na resistência à morte, como dirá Freud.

Han, a princípio, não postula nada diferente disso: “o capitalismo” – diz – “está baseado na negação da morte. O capital é acumulado contra a morte enquanto um prejuízo absoluto. A morte [como possibilidade e inevitabilidade] cria a coação de produção e crescimento” (2021, p. 14). No entanto, ele parece ir um pouco além do filósofo grego antigo – e de Marx – porque assegura que esse movimento se baseia num desejo de mais-vida – uma tentativa de negar a morte, seja de modo relativo, seja de modo absoluto – que, por isso mesmo, tende a se transformar em ação, em realização na vida concreta. Eis que esse desejo de mais-vida excedente, que mora no inconsciente, chama – diz – a violência. O querer viver além de uma vida comum, por parte de alguns em detrimento de outros, aciona psíquica e pragmaticamente a pulsão de morte².

² Veja-se a interpretação de pulsão de morte feita por Samo Tomšič: “Assim, na perspectiva especulativa, bio-ontológica, de Freud, a diferença entre vida e morte é internalizada de tal modo que a própria morte muda de sentido. Não representa mais o fim da vida no sentido cotidiano do termo, mas sim a luta da vida por mais vida, pela produção de mais-vida no pano de fundo da falta de vida – uma produção que inevitavelmente se manifesta de forma destrutiva” (2019, p. 202).

Vida/morte como contradição

Segundo Han, Freud não raciocina a partir da ideia de que todo ser vivo – e, em especial, o ser humano – está em luta constante contra a morte, ainda que isso se afigure como uma constatação trivial. O fundador da psicanálise raciocina – segundo Han – a partir da observação de que o ser humano como ser psíquico se encontra assoberbado por uma angústia perene em face da morte. Assim tomado, ele quer fazer a morte desaparecer de seu horizonte, ele quer negar a morte de modo absoluto. Em face desse desejo inconsciente de infinitude, Han conclui: “não é absurda a tese, então, de que a ideia de pulsão de morte de Freud representa, em última análise, uma estratégia inconsciente de recalque da morte” (2021, p. 15). O ser humano quer se excluir da morte, quer contrariar o princípio do nirvana: eis que a morte vem acompanhada de sofrimento.

Freud não era um pensador que se pautava pela dialética conceitual de Hegel. Eis que pensava por meio de dualidades e não por meio de duplicidades. Um pensador dialético diria que a morte é um pressuposto não eliminável da vida; que viver consiste justamente em viver essa contradição; que viver é também morrer, ou seja, que a morte não é apenas um ponto final. Ora, o ser humano na sociedade de ontem e de hoje está perdido na cotidianidade e, nessa condição, também não pensa de modo dialético; eis que raciocina por oposições rígidas, tendendo a exorcizar as contradições. Assim, também ele pode não acolher a oposição interna ao par vida/morte que lhe permitiria apenas uma vida tranquila; ao fazê-lo, ao buscar uma negação da morte, uma interversão é produzida: a busca por mais-vida acaba por acionar a pulsão de morte.

Ora, uma exposição bem plausível desse caminho se encontra no seguinte trecho do artigo do filósofo coreano que aqui se estuda criticamente. A negação absoluta da morte, o desejo de eternidade, requer a adesão a uma lógica de acumulação que, por sua vez, redunde em violência. Ao seu modo, Han diz: “a agressão especificamente humana, a violência, está intimamente relacionada com a apreensão da morte que acontece somente ao

ser humano” (2021, p. 15). A negação absoluta da morte no curso da existência só pode ocorrer por meio de uma economia de violência. Pois a carência imaginária infinita que se sobrepõe à carência real requer uma lógica de acumulação.

Eis o que diz esse autor num registro precisamente existencial: aqueles que querem exorcizar a morte têm “a sensação de estar mais poderosos, quando mais violência exercem. A violência que mata produz uma sensação de crescimento, força, poder, invulnerabilidade e imortalidade. É justamente nesse crescimento do poder que acontece o gozo narcísico da violência sádica. Matar protege da morte. Apodera-se da morte ao matar” (2021, p. 15). A acumulação de riqueza é, pois, uma forma de conjurar a morte, uma forma que, obviamente, está disponível apenas para alguns – não para todos.

Para estes poucos, a acumulação de riqueza é, segundo esse autor, tomada como um modo imaginário de sobreviver à morte. Ora, a acumulação de riqueza não acontece sem que agressões sejam produzidas objetiva e corriqueiramente. Nas sociedades arcaicas, a violência de uns para obter riqueza excedente implicava necessariamente a despossessão de outros, seja de seus pertences, seja de si mesmo por meio da escravidão – e ela ocorria quase sempre sob a justificativa ideológica da vingança. E o resultado da agressão assim embalada é pelo menos a subtração da liberdade de uns por outros – senão a subtração da própria vida desses outros.

Nas sociedades em que passou a correr dinheiro, este vem constituir a forma por excelência da acumulação de riqueza. Ora, o dinheiro não é apenas um meio de troca que facilita a circulação dos bens e serviços nas sociedades que o adotam. Eis que o “dinheiro acumulado confere ao seu proprietário um status superior. Ele se sente imunizado contra a morte. No plano psicológico mais profundo, persiste a crença arcaica de que a riqueza acumulada para matar [ou seja, para esconjurar a morte], a riqueza crescente como capital, previne a morte” (2021, p. 17). O dinheiro fornece ao seu possuidor um controle da vida social ao seu redor, permitindo que sonhe, dormindo ou acordado, com a vida eterna.

O processo da acumulação

Como isso ocorre no pré-capitalismo e no capitalismo propriamente dito? É preciso voltar a Marx. No capítulo quarto de *O capital*, está dito o seguinte: “enquanto o entesourador é apenas o capitalista demente, o capitalista é entesourador racional. A multiplicação incessante do valor, pretendida pelo entesourador ao procurar salvar o dinheiro da circulação, é alcançada pelo capitalista mais esperto ao entregá-lo sempre de novo à circulação” (1983, p. 130).

Como se sabe, tendo por referência agora somente o capitalismo, a acumulação consiste na transformação do trabalho vivo em trabalho morto por meio da produção de mercadorias. É o que Marx mostrou em *O capital*. Eis que dinheiro é o meio que permite substituir a violência direta (arcaica) por meio de uma violência indireta (civilizada). E essa violência que quer agora se manter implícita é posta já na época moderna por meio do sistema da relação de capital.

A contrapartida do capitalista, dono do capital investido em meios de produção, é o proletário que não possui riqueza econômica para investir em fontes de ganho e que, por isso, tem de vender a sua força de trabalho. O trabalhador, por isso, não pode exorcizar a morte tal como o capitalista, pois tem de lutar contra ela cotidianamente, trabalhando para algum empregador, suporte satisfeito da relação de capital. O proletário, por isso, configura-se no marxismo clássico como um ser insatisfeito. Doador de trabalho, ele morre um pouco todo dia para evitar morrer de imediato.

A eternidade imaginária de uns, no capitalismo da grande indústria (grande parte dos séculos XIX e XX), era conquistada às custas da mortificação real de muitos trabalhadores. A lógica da subsunção do trabalho ao capital no capitalismo clássico era fundamentalmente disciplinar (Marx em *O capital* tratou dessa lógica disciplinar sob o nome de subsunção real e formal do trabalho ao capital). Como diz Han, “os trabalhadores eram explorados brutalmente pelos donos das fábricas. (...) A exploração violenta dos trabalhadores

levava, então, a protestos e resistência. Era possível mesmo uma revolução que derrubasse a relação dominante de produção” (2021, p. 32-33).

Ora, essa situação não perdurou na história do capitalismo³. Pois, a partir de meados do século XX, a enorme produtividade do trabalho tornou possível uma mudança na condição de pobreza de uma parte importante dos trabalhadores: eis que eles puderam acumular riqueza material. Nessa situação, a mistificação cultural foi capaz de se insinuar, pelo menos até certo ponto, na psique dos trabalhadores, moldando-os, seja como beneficiários do sistema, seja como integrados na sociedade do bem-estar, seja como autoempresários.

A social-democracia primeiro e, depois, o neoliberalismo se mostraram como estratégias eficazes que garantiram e ainda garantem a hegemonia burguesa. No entanto, já é possível prever no andar do segundo quartel do século XXI que a queda secular da taxa de lucro, agravada que será pela revolução da automação, poderá recriar o trabalhador que vê ou pode ver o sistema da relação de capital como o seu inimigo principal (PRADO, 2023).

De qualquer modo, o proletário, sob o capitalismo, mesmo se não o sabe, suporta subsumido a contradição da vida em oposição à morte; põe-se como resistência, ou seja, como vida que não pode recalcar o seu outro, como se fosse algo estranho – pelo menos no mundo terreno. A religião, no entanto, lhe promete vida eterna se for bom trabalhador e bom cidadão. A democracia liberal lhe promete uma vida melhor num futuro indefinido se trabalhar duro, mas o culpa severamente se esse futuro melhor não chega – e ele tende a não chegar.

Se deixa de estar enganado por tais promessas, comporta-se como assujeitado consciente, como alguém que sabe que sua vida que está subsumida ao capital personificado num patrão; e, assim assumido, por meio da revolta e da revolução, pode, em princípio, vir a ser sujeito, instituindo junto com os

³ Há esforços importantes para apreender o evoluir da subjetividade dos trabalhadores, seja no capitalismo da grande indústria, seja no capitalismo da pós-grande indústria; pode-se citar, por exemplo, aqueles feitos por Franco “Bifo” Beraldi (2017 e 2024).

seus companheiros toda uma forma de vida comunitária e democrática em que os seres humanos em geral se tornam verdadeiros sujeitos.

Foi assim que Marx, a partir dessa possibilidade, pensou a superação do capitalismo. Se este último suprime a carência real das sociedades pré-capitalistas, uma nova sociedade suprimirá a carência reposta e a carência imaginária que dominam ainda o indivíduo social no capitalismo da grande indústria e da pós-grande indústria (PRADO, 2005). Deu-lhe o nome de comunismo, utilizando e ressignificando um termo antigo – um termo que, infelizmente, foi deslustrado na história do século XX (DARDOT e LAVAL, 2017, p. 63-100). No comunismo pressuposto, a superação da carência – e o acolhimento tranquilo do fim individual como condição da vida social – reconcilia a vida com a morte, instaura a dialética do bom viver. É preciso, diz Han,

uma outra forma de vida que revogue a separação entre vida e morte, fazendo a vida compartilhar novamente da morte. Toda revolução política deve anteceder [proceder?] uma revolução de consciência que restitua a morte à vida. É preciso que se esteja consciente que a vida é viva apenas em troca da morte, que a rejeição da morte destrói o presente vivo: a batalha contra a morte leva a um predomínio do passado e do futuro, enquanto se perde o presente – e até mesmo a vida (2021, p. 25).

Dito de outro modo, é apenas encarando a polaridade vida/morte como duplicidade dialética por meio de uma práxis socialista – nos modos de produção até agora existentes ela é sempre tomada como dualidade irreconciliável – é que se pode pensar a superação da predominância das pulsões tanatórias sobre as pulsões eróticas.

Voltando a Freud

Foi na sociedade dita burguesa que vieram à luz as investigações de Sigmund Freud que se caracterizaram por terem como objeto a subjetividade de indivíduos sociais, os quais se apresentavam como “sofrentes clientes”

em seu consultório – não, entretanto, como indivíduos posicionados em classes sociais. Freud era um homem culto que se valeu também tanto do conhecimento da vida comum quanto da cultura milenar da civilização humana. A partir do estudo persistente da psique de indivíduos sociais mais ou menos abastados, ele pensou a sociedade – mesmo se pensou a sociedade como situada historicamente, ele não foi capaz de pensá-la em devir⁴.

Nessa perspectiva, ele pensou um indivíduo social como se fosse transistórico para fundar a psicanálise e, a partir dela, poder tratar os clientes, mas também para poder explicar a sociedade que os rodeava, fornecendo substrato para o desenvolvimento da psique. Criou, assim, uma antropologia fundada, em última análise, na biologia, ainda que afetada e enriquecida pela sociologia, pela ciência política e pela filosofia. E, assim, em contradição com as próprias premissas, incorporou a história.

Dotado das pulsões primárias, eróticas e agressivas, esse indivíduo sofre uma repressão necessária das instituições para que a sociedade se torne possível e sobrevenha a vida civilizada. Em *O mal-estar na civilização* (FREUD, 2011a), procurou mostrar que essa repressão, ao gerar um conflito insolúvel entre o indivíduo e a sociedade, causa sofrimento psíquico que se manifesta na forma de angústia persistente, neurose, culpa etc. A frustração implacável dos desejos, contudo, pode ser minorada por formas de sublimação, tais como a arte, a ciência, mas sobretudo a religião. Mesmo assim, a humanidade, segundo ele, está condenada a viver sob um descontentamento crônico.

A vida, ainda segundo ele, manifesta-se primeiro por meio da busca do prazer (redução da tensão psíquica). Ela nasce do inorgânico e para ele tem de voltar: “o objetivo da vida é a morte”. Em *Além do princípio do prazer a vida* é apresentada como esforço de evitação: “a substância ainda vivente (...) faz rodeios cada vez mais complicados até alcançar a morte” (FREUD, 2010,

⁴ Birman, nesse sentido, interpretou o livro clássico de Freud como se ele se referisse estritamente à época moderna. Ao invés de *O mal-estar na civilização*, Freud teria escrito, na verdade, implicitamente, um livro que deveria receber o título de “O mal-estar na modernidade” (BIRMAN, 2021, p. 17).

p. 204-205). Assim sendo, para contornar o desenlace, passa à atividade, à prática utilitária (aumento da tensão psíquica) e, assim, à busca de prazer, de satisfação – algo que nunca encontra suficientemente.

Assim, a vida ativa se apresenta na visão de Freud como uma luta de titânides e titãs: as pulsões eróticas, por um lado, põem a vida amorosa, constroem laços sociais solidários; por outro, as pulsões agressivas põem a mortificação e mesmo a morte de si e dos outros, constituindo-se como forças dominativas ou destrutivas dos laços sociais. Nessa luta, segundo ele, a “compulsão à repetição [que manifesta a presença subliminar da pulsão de morte] sobrepuja o princípio do prazer” (2010, p. 183). E o que marca presença, então, além do prazer modesto, é a agressividade, a pulsão de morte. A observação empírica da época em que escreveu o livro comprovava a sua antropologia hobbesiana de modo abundante.

Como se vê nesta amostra, Freud foi incapaz de pensar dialeticamente a dualidade vida e morte e, assim, a coexistência pacífica possível da primeira com a segunda. Por isso, de modo conclusivo, pode descartar a realização do socialismo como meta possível da sociedade. Para ele, a evitação imaginária da morte, seja por meio da acumulação, seja, grosso modo, por meio da religião, apresenta-se como a única possibilidade aberta ao ser humano em geral – ainda que uns poucos possam almejar a arte e a ciência como formas superiores de sublimação. Assim, mesmo se não intenta justificar a sociedade repressiva e o capitalismo, conforma-se com ela, como se pode provar.

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud escreveu o seguinte: “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização. (...) É tão impossível passar sem o controle da massa por uma minoria quanto dispensar a coerção no trabalho da civilização, já que as massas são preguiçosas e pouco inteligentes; não têm amor à renúncia instintual e não podem ser convencidas pelo argumento de sua inevitabilidade; os indivíduos que as compõem apoiam-se uns aos outros em dar rédea livre a sua indisciplina” (2011b).

Pode-se argumentar que o anti-humanismo de Sigmund Freud era um reflexo do anti-humanismo realmente existente no mundo em que vivia e em que ainda vivemos. Daí a força de sua teorização. A saída dessa armadilha, porém, não pode consistir na reiteração perversa do anti-humanismo, tal como adveio na psicanálise de Jacques Lacan (PRADO, 2024). Também não consiste na posição do humanismo tal como ocorreu em certas formulações da psicanálise de Eric Fromm (2015); pois, como mostrou Marcuse, esse humanismo se interverte em anti-humanismo (MARCUSE, 1966, epílogo).

Consiste, enfim, na luta para pôr o humanismo na sociedade e na história: segundo o autor de *Eros e civilização*, “hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política” por excelência. Ora, essa luta tem sido abafada pela prioridade quase absoluta que tem sido dada ao desenvolvimento das forças produtivas, seja nos capitalismo realmente existentes, seja nos socialismos realmente inexistentes que foram engendrados na história até o presente momento. Pois a sociedade em que impera o trabalho alienado é a posição e o domínio quase incontestado da pulsão de morte.

Referências

- ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução direta do grego antigo feita por Mário Gama Kury. São Paulo: Editora Madamu, 2021
- BERALDI, Franco “Bifo”. *And: Phenomenology of the end*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2015
- BERALDI, Franco “Bifo”. *O terceiro inconsciente: a psicoesfera na era viral*. São Paulo: GLAC Edições, 2024
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021
- HAN, Byung-Chul. *Capitalismo e impulso de morte*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021
- DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian – *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2017
- DOSTALER, Gilles e MARIS, Bernard. *Capitalisme et pulsion de mort*. Paris: Albin Michel, 2009
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer. Freud (1917-1920) – Obras Completas*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2011a
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão. Freud (1921-1923) – Obras Completas*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011b
- FROMM, Erich. *A arte de amar*. Tradução de Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 2015
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966
- MARCUSE, Herbert. *A ideia de progresso à luz da psicanálise*. 2024: <https://wordpress.com/post/eleuterioprado.blog/5901>
- MARX, Karl. *O capital – crítica da economia política*. Tradução de Regis Barbosa e Flavio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983
- PRADO, Eleutério F. S. *Desmedida do valor: crítica da pós-grande indústria*. São Paulo: Xamã, 2005
- PRADO, Eleutério F. S. *Capitalismo no século XXI: o ocaso por meio eventos catastróficos*. São Paulo: Cefa Editorial, 2023
- PRADO, Eleutério F. S. *Marx contra Lacan: psique, alienação e práxis*. Marília: Lutas Anticapital, 2024
- TOMSIC, Samo. *The labour of enjoyment: towards a critique of libidinal economy*. Berlin: August Verlag, 2019